

**AUTOFIÇÃO: A FICIONALIZAÇÃO DO AUTOR EM TRAICIONES DE LA MEMORIA, DE HÉCTOR ABAD FACIOLINCE**

**AUTOFICTION: THE FICTIONALIZATION OF THE AUTHOR IN TRAICIONES DE LA MEMORIA, BY HÉCTOR ABAD FACIOLINCE**

Carla Carolina Moura BARRETO<sup>1</sup>

Tatiana da Silva CAPAVERDE<sup>2</sup>

**RESUMO:** No universo ficcional contemporâneo vem surgindo um enorme contingente de relatos em primeira pessoa que apontam para a autoficcionalização do autor. Essas narrativas, denominadas autoficcionais, pertencentes ao gênero confessional ou escrita de si, apresentam reflexões sobre as experiências de vida do autor e os contornos tênues entre a representação da realidade e a ficção. O presente trabalho tem o propósito de analisar a obra *Traiciones de la memoria* (2009), do autor colombiano Abad Faciolince, a partir do viés teórico do gênero autoficção (Doubrovsky), variante pós-moderna da autobiografia (Lejeune), a fim de apontar na obra a presença do debate sobre a (im)possibilidade de representação do sujeito (Lefere) e o pacto (Martins) estabelecido entre Faciolince e seus leitores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autobiografia. Realidade. Ficção.

**ABSTRACT:** In the contemporary fictional universe there has been a huge contingent of first-person reports that point to the author's autofictionalization. These narratives, named autofictional, belonging to the genre confessional or self-writing, present the thoughts about the experiences of the author's life and the thin line between the representation of reality and fiction. This article aims to analyze the work *Traiciones de la memoria* (2009) by the Colombian author Abad Faciolince, from a theoretical bias of the auto fiction genre (Doubrovsky), postmodern variant of autobiography (Lejeune), in order to indicate in the work the presence of a discussion about the (im)possibility of representing the subject (Lefere) and the pact (Martins) settled between Faciolince and his readers.

**KEYWORDS:** Autobiography. Reality. Fiction.

*“La vida tiene a veces la misma consistencia de los sueños que al despertarnos, se desvanecen”.*

(Héctor Abad Faciolince)

---

1. Graduada em Letras na Universidade Federal de Roraima (UFRR). Boa Vista/RR. E-mail: carla.carolina@ufrr.br.

2. Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora efetiva do curso de Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Boa Vista/RR. E-mail: taticapa@ufrgs.br.

## As escritas de si: da autobiografia à autoficção

As narrativas chamadas “escritas de si”, em suas diferentes formas de manifestação, têm ocupado a crítica contemporânea que busca explicar as imbricações entre os relatos de vida e a sua ficcionalização. Essas narrativas são centralizadas no “eu” que corresponde à voz que fala e narra suas experiências íntimas, colocando a subjetividade do sujeito em primeiro plano. Dentre essas obras, nas quais o autor escreve sobre si, temos a autobiografia e a autoficção.

A autobiografia, segundo Lejeune (2008, p. 14), corresponde a uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua identidade”. Ou seja, é uma narrativa de cunho íntimo que permite a expressão do mundo interno do sujeito, que passa a refletir sobre sua vida e a resgatar memórias íntimas para colocá-las em suas obras. E, para escrever uma biografia, segundo Bakhtin (2003, p. 20), o autor deve olhar-se com os olhos de outro, se olhar, se questionar e interpretar sua vida como se fosse outro, uma vez que “o acontecimento estético, para se realizar, necessita de dois participantes, pressupõe duas consciências que não coincidem”.

Para Lejeune (2008, p. 26), a autobiografia se define pela existência de um pacto autobiográfico, que consiste na “afirmação, no texto, dessa identidade, remetendo, em última instância, ao nome do autor, escrito na capa do livro”, ou seja, a identificação do nome escrito no livro apontaria para o fato de que autor, narrador e personagem seriam um só, assim, o indivíduo que narra é simultaneamente o autobiógrafo e o autobiografado. Dessa forma, na autobiografia, o autor se propõe a contar sua própria história, havendo uma identidade entre narrador, personagem e autor. O escritor firma um “pacto de verdade” com seu leitor, que passa a esperar que os fatos narrados por esse autor autobiógrafo tenham extrema veracidade (embora essa questão de “verdade” tenha sido muito problematizada), diferentemente do que ele esperaria de um romance, cuja principal característica consiste em se tratar de uma ficção, algo isento de veracidade.

Tal comprometimento com a verdade é dispensável quando se trata de uma autoficção. O termo autoficção foi criado pelo francês Serge Doubrovsky, que criou o neologismo na tentativa de definir seu novo romance, intitulado *Fils*, no qual ele escreve sobre si próprio, fazendo coincidir o nome do personagem com o nome do autor. Assim, Doubrovsky qualifica sua obra como uma autoficção:

Autobiografia? Não, esse é um privilégio reservado aos importantes deste mundo, ao fim de suas vidas, e em belo estilo. Ficção de acontecimentos e fatos estritamente reais; se se quiser, autoficção,

por ter confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem, fora da sabedoria e fora da sintaxe do romance, tradicional ou novo. (FIGUEIREDO, 2007, p. 56).

O autor diferencia sua obra de uma autobiografia ao afirmar que as autobiografias são reservadas “aos importantes deste mundo”, aos dignos de que suas histórias sejam contadas para o mundo. Para ele, sua narrativa consiste em uma autoficção, uma ficcionalização de fatos e acontecimentos reais. Nesse gênero há uma mescla de realidade e ficção, nele o autor pode falar sobre si, adicionando elementos mais interessantes e ficcionais a sua narrativa, colocando, assim, o texto literário em primeiro plano. Dessa forma, temos a contaminação da autobiografia pela ficção e da ficção pela autobiografia, tornando este um gênero híbrido, no qual o autor se ficcionaliza, se reinventa, encena um “eu”, joga com o real e o imaginário, entrelaçando os gêneros referencial e ficcional. Santiago nos exemplifica bem esse hibridismo, afirmando que:

A preferência pelo discurso autobiográfico e a consequente contaminação dele pelo discurso ficcional se tornou prática textual, ou seja, elas configuraram um produto híbrido, no momento em que o menino/sujeito teve a imperiosa necessidade de jogar para escanteio – ou para o inconsciente – o confessional e aliar a fala de sua experiência de vida à invenção ficcional. (SANTIAGO, 2008, p. 175-176).

Lefere (2005) também debate sobre o gênero autoficcional e esse processo de contaminação do supostamente real pelo fictício. Ele afirma que essa prática dissolve as fronteiras entre o real e o ficcional, além de possibilitar trabalhar a imagem do autor representado, cujo nome coincide com o nome próprio do autor do texto. Dessa forma, o autor acentua essa mescla que compõe o gênero autoficcional e a possibilidade de representação do sujeito autor através da literatura.

Segundo Philippe Gasparini (2008, p. 311, apud FIGUEIREDO, 2013, p. 62), o texto de gênero autoficcional consiste em um “[...] texto autobiográfico e literário que apresenta numerosos traços de oralidade, de inovação formal, de complexidade narrativa, de fragmentação, de alteridade, de disparatado e de autocomentário, os quais tendem a problematizar a relação entre a escrita e a experiência”. Podemos perceber que Gasparini não menciona a homonímia entre autor e personagem, mas traz muitas outras características para definir a autoficção, afirmando ser esse um gênero complexo, fragmentado e inovador, uma vez que é construído com lembranças improváveis, experiências reais e fictícias que se misturam e se concretizam pela escrita.

Em vez do pacto autobiográfico, o pacto realizado na autoficção, segundo Martins (2014), é o pacto oximórico, que se caracteriza por ser contraditório e ambíguo, “pois rompe com o princípio de veracidade (pacto autobiográfico), sem aderir integralmente ao princípio de invenção (pacto romanesco/ficcional)” (MARTINS, 2015, p. 46). Ou seja, a autoficção não apresenta um compromisso total com a autobiografia, tampouco com a ficção. Segundo Martins (2015, p. 49), a principal característica da autoficção é a ambiguidade, pois o autor cria um “jogo de ambiguidade referencial e de fatos estabelecido intencionalmente pelo autor”. O autor baseia-se em sua própria vida para criar seu texto, utiliza elementos de sua vida cotidiana, preserva sua identidade nominal e acrescenta fatos fictícios a sua narrativa, ficcionalizando-se. Dessa forma, propositalmente, o autor causa dúvidas no leitor, fazendo-o se questionar se o personagem é na realidade o autor da obra e sobre até que ponto os fatos narrados são reais, já que algumas informações dadas pelo personagem/autor correspondem aos fatos de sua vida no mundo exterior à ficção. Assim, como afirma Nascimento (2010, p. 199), “a autoficção se vincula pragmaticamente ao leitor, constituindo esse efeito de estranhamento que ocorre quando se percebe uma confusão mais ou menos intencional entre autor empírico e autor-narrador ficcional.”

Para Leão (2012, p. 181), a autoficção é mais que a ficção de fatos e eventos estritamente reais, “é a arte de acomodar os restos do eu no interior da obra, através da sintaxe da linguagem, escapando das formas do romance tradicional”. Ou seja, o jogo autoficcional permite que o autor ponha em cena sua subjetividade, rastros de sua personalidade e dos “eus” que o constituem, sem que se saiba qual “eu” é o verdadeiro.

Destarte, a autoficção contrapõe-se à autobiografia. Como afirma Figueiredo (2013, p. 61), “[...] a autoficção seria um romance autobiográfico pós-moderno com formatos inovadores: são narrativas descentralizadas, fragmentadas, com sujeitos instáveis que dizem ‘eu’ sem que se saiba exatamente a qual instância enunciativa ele corresponde”. Assim, no texto autobiográfico, o autor tem o comprometimento com o leitor de lhe narrar fatos sobre si que ocorreram na realidade desde sua origem, diferentemente da obra autoficcional, na qual temos a mescla de elementos reais e fictícios imbricados a fim de confundir, perversamente, o leitor, que acaba transitando entre duas dimensões: real e ficcional, sem ter conhecimento do que é factual ou não.

Entretanto, saber se os fatos são reais ou não já não é tão interessante para o leitor, mas sim a composição do jogo narrativo em si, a forma com que o autor constrói sua narrativa, que não possui total compromisso com a verdade factual, tampouco com a ficção. Dessa forma, “o interesse da autoficção é romper as com-

portas, as eclusas, os compartimentos dos gêneros com que aparentemente se limita, sem pertencer legitimamente a nenhuma delas” (NASCIMENTO, 2010, p. 196), e isso é o que torna a autoficção tão fascinante.

### ***Traiciones de la memoria*: autobiografia ou autoficção?**

*Traiciones de la memoria* é uma obra escrita por Héctor Abad Faciolince, publicada em 2010. O livro é composto por três narrativas que consistem em três relatos independentes, intitulados *Un poema en el bolsillo*, *Un camino equivocado* e *Ex futuros*. No primeiro texto, Faciolince narra, de maneira detalhada, a saga vivida por ele na tentativa de encontrar a autoria de um poema encontrado no bolso da camisa de seu pai no dia em que o assassinaram. O autor inicia uma profunda investigação em busca da autoria do poema, o qual acreditava pertencer ao escritor argentino Jorge Luis Borges. Para isso, Faciolince reúne uma gama de elementos que comprovam alguns detalhes da investigação, como fragmentos de seu diário pessoal, fotos de objetos e de pessoas que ele cita em sua obra, entre outros documentos. Além disso, o autor introduz em seu texto personagens que existem no mundo real, como Guillermo Roux e Jean-Dominique Rey, sempre buscando comprovar a existência deles em sua vida por meio de alguma foto ou carta, na tentativa de trazer mais autenticidade à sua obra.

No segundo texto, o autor narra suas aventuras quando esteve em situação de exílio na Itália e a relação adúltera que mantinha com uma aluna. Já na terceira narrativa, que segundo Munguía (2010), “*es un ensayo sobre el deseo del ser humano de vivir más de una vida*”, Faciolince escreve sobre a arte da escrita. Ele afirma que escrevemos e lemos para viver outras vidas e que a literatura possibilita que o autor coloque em seus personagens todos os seus temores, todas as qualidades que deseja ter, porém não possui, ou seja, permite que ele seja o que não é, mas o que poderia ser.

Todos os três relatos, apesar de independentes, são produtos de uma rememoração do protagonista, que tenta recuperar o passado por meio da memória e relatá-lo. Faciolince, no prólogo de sua obra, deixa claro que não está totalmente seguro sobre a veracidade dos fatos recuperados por sua memória, colocando a convicção daquilo que é narrado em constante suspeita: “*Cuando uno sufre de esa forma tan peculiar de la brutalidad que es la mala memoria, el pasado tiene una consistencia casi tan irreal como el futuro. [...] nunca estoy totalmente seguro de si estoy rememorando o inventando*” (FACIOLINCE, 2010, p. 11).

Podemos perceber que muitos dos fatos contados por Faciolince em sua obra coincidem com os acontecimentos de sua vida real. O autor de fato viveu por um período na Itália, seu pai, o médico Héctor Abad Gómez, realmente foi

assassinado por paramilitares no fim dos anos 80 e o livro *El olvido que seremos*, no qual Faciolince elabora um relato sobre seu pai e as circunstâncias de seu assassinato foi deveras escrito e publicado. Entretanto, em meio a esses fatos autênticos, o autor adiciona fatos que o leitor não tem como identificar se são verídicos. Além disso, ao se questionar sobre a qualidade de suas recordações, Faciolince provoca dúvidas no leitor em relação à fidedignidade dos relatos. Isso ocorre porque muitas vezes as lembranças são confusas e, ao se deparar com elas, o escritor pode relatar uma lembrança de forma infiel, como nos afirma Brandão ao discutir sobre suas próprias recordações:

As lembranças muitas vezes são confusas, impossível recuperá-las completamente [...] Para voltar a elas sempre faço algumas rasuras, algumas correções de rota. [...] pois a memória das coisas sofre transmutações e me vejo acrescentando episódios que, talvez, só tenham acontecido em meu desejo, mas mesmo assim produzem seus efeitos. (BRANDÃO, 2010, p. 78).

Isso leva (ou pode levar) o leitor à conclusão de que o texto não possui total veracidade, portanto, apesar de o autor afirmar que *“es una historia real, pero tiene tantas simetrias que parece inventada”* (FACIOLINCE, 2010, p. 15), essa obra não é uma autobiografia, pois, aparentemente, Faciolince recorre a elementos de seu imaginário, mesclando, assim, realidade e ficção.

É importante ressaltar que o leitor, ao ter contato com esse tipo de obra, passa a transitar entre duas dimensões distintas: a realidade e a ficção. Isso nos leva ao que Martins (2014) atesta como pacto oximórico, isto é, um pacto contraditório e ambíguo, uma vez que não se pode ter conhecimento do que é real e do que é invenção, resultando uma confusão na cabeça do leitor, que oscilará entre os dois mundos: ora lerá o texto como real, ora como fictício.

Faciolince, então, se ficcionaliza, se transforma em um personagem de sua própria obra, ou seja, ele dissolve as fronteiras entre o real e o fictício e constrói uma representação de si mesmo, tentando transparecer ao leitor que todos os fatos vividos por ele na obra são reais, apesar de deixar claro que sua memória pode enganar tanto a ele, quanto aos seus leitores. Desse modo, apesar de ter como ponto de partida suas próprias experiências de vida, Faciolince decide contá-las adicionando elementos memorialísticos e preenchendo as lacunas do esquecimento com ficção.

Dessa forma, podemos definir essa obra como uma autoficção, uma vez que, segundo Doubrovsky (FIGUEIREDO, 2007, p. 57), a autoficção é como “uma variante pós-moderna da autobiografia na medida em que ela não acredita mais

numa verdade literal, numa referência indubitável, num discurso histórico coerente e se sabe reconstrução arbitrária e literária de fragmentos esparsos de memória”. Assim, nessa obra, o narrador abertamente apresenta traços biográficos do autor Abad Faciolince, mas, eventualmente, deixa marcas no texto que problematizam a veracidade dos fatos, ao afirmar que sua memória pode enganá-lo.

Ao escrever sobre si, Faciolince tem a liberdade de criar um personagem com características que ele poderia ter, narrar ações que ele poderia ter tido e criar cenas que poderiam ter ocorrido. Dessa forma, o autor, em sua obra, expõe seu ponto de vista sobre “ser outros” dentro do mundo fictício: *“Escribir es despersonalizarse, dejar de ser lo que somos y pasar a ser lo que podríamos ser, lo que casi fuimos, o lo que podríamos haber sido”* (FACIOLINCE, 2010, p. 245).

Faciolince, em uma passagem do terceiro relato, deixa claro seu encantamento em relação ao poder que a literatura lhe concede em “ser outros”, em poder colocar todos os seus temores em seu texto, sem deixar claro o que é real ou não:

*Muchas veces, quizá siempre, para un escritor es mucho más deseable ser otros que ser él mismo. Eso es lo que me gusta de este trabajo: que en los personajes podemos poner todos nuestros temores y nadie puede estar seguro de que son nuestros. Es delicioso poder trasladarle a una máscara toda nuestra ira, nuestra envidia, nuestra cobardía, nuestra sed de venganza, pero también, quizá, toda la bondad, toda la fuerza y toda la valentía que no tenemos.* (FACIOLINCE, 2010, p. 246).

Essa é uma das características do gênero autoficcional, que “oferece ao escritor a oportunidade de experimentar a partir de sua vida e de sua ficcionalização, de ser ao mesmo tempo ele mesmo e um outro” (HUBIER, 2003, p. 125 apud MARTINS, 2013, p. 134). Assim, o autor tem a possibilidade de criar um “eu” com características que ele deseja ter, revelar os segredos de um “eu” que só existe em sua imaginação, o “eu” que poderia ter sido, mas não foi, e que agora é criado dentro da literatura: *“En este ejercicio podemos ver un yo parecido al yo que somos, pero con cambios en las decisiones y en las circunstancias, las cuales, en mayor medida, producirían una radical o leve transformación de lo que somos”* (FACIOLINCE, 2010, p. 251).

Neste trecho, temos indícios de que Faciolince pode estar se referindo ao “eu” descrito por ele durante sua tríade de relatos. Ao discutir sobre o exercício de escrever e depositar em seus personagens características de alguém que ele poderia ter sido, Faciolince mostra ao leitor que pode ter feito isso em sua obra; pode ter mesclado características suas com características de um outro e narrar fatos que poderiam ter acontecido se ele tomasse decisões distintas. Assim, como afirma Robin, a autoficção possibilita:

Representar todos os outros seres que estão em mim, me transformar em outro, dar livre curso a todo processo de virar outro, virar seu próprio ser de ficção ou, mais exatamente, esforçar-se para experimentar no texto a ficção da identidade; tantas tentações fortes, quase a nosso alcance e que saem atualmente do domínio da ficção. (ROBIN, 1997, p. 26 apud FIGUEIREDO, 2010, p. 93).

Lefere (2005), ao debater a autoficcionalização que Jorge Luis Borges exerce em suas obras, afirma que a escrita permite uma representação do sujeito autor e de suas supostas confissões (expostas a si e aos seus leitores), além proporcionar sua representação sonhadora, ou seja, a literatura permite que o autor apresente em suas obras um autorretrato de um “eu” imaginário:

*La escritura no está orientada hacia la confesión de la vida, sino más bien hacia la representación de esta supuesta confesión, y en todo caso hacia una transfiguración ensoñadora. El hombre se subordina al autor efectivo, que en la escritura se inventa a través de la multiplicación de sus enunciadores y de sus personajes; para si mismo, y de cara al lector.* (LEFERE, 2005, p. 182).

Dessa forma, em *Traiciones de la memoria*, Faciolince utiliza dessa estratégia de escrita, que parte da autoficção, ao se converter em um outro feito de imaginação, representando novos seres que habitam dentro de si; além disso, o autor não hesita em demonstrar seu desejo de ter sido outros: “*veo pasar los despojos de los yos que pude haber sido, unos yos que eran tan reales y tan probables como el yo que soy. Soy este, pero tengo la firme convicción de que pude haber sido otro, otros*” (FACIOLINCE, 2009, p. 259). Dessa forma, ao afirmar que prefere “ser outros”, Faciolince demonstra ser como “um novo Narciso apaixonado por aquilo que ele não sabe que (não) é” (SILVA; DOMINGOS, 2015, p.14), característica própria de autores que optam por se ficcionalizar em suas narrativas. Além disso, ele põe em dúvida tudo o que foi narrado sobre si até então, se transformando em alguém que “narra a si mesmo para, em seguida, negar-se” (SILVA; DOMINGOS, 2015, p.14), levando o leitor a suspeitar, mais uma vez, da veracidade dos fatos apresentados por ele, abrindo margem para o leitor interpretar sua obra não como uma autobiografia, mas como um texto fictício. Assim, ficamos com a indagação de Alberca (2005-2006, p. 16): “*¿Podría ser la autoficción el reconocimiento explícito de que cuando se narra la vida propia es imposible no hacer ‘ficción’ e imposible no mezclar lo recordado con lo inventado, lo soñado con lo deseado y esto con lo real?*”

Por meio do uso da linguagem, o autor da obra autoficcional, ao escrever sobre si sem assumir compromisso com real ou ficcional, promove uma reflexão sobre as noções de verdade e realidade. Assim, percebemos que a autoficção surge

não para mostrar uma verdade absoluta, mas sim para questionar e problematizar a possibilidade de se descrever a vida de maneira factual e absoluta, como se propõe nas autobiografias. Ela vem para acentuar a ambivalência do sujeito e mostrar que não é possível unir vida e obra sem alterar, nem que seja minimamente, os fatos. Como afirma Martins (2013), com o surgimento da autoficção, não se acredita mais na possibilidade de uma biografia/autobiografia que une vida e obra, apresentando um sujeito absoluto, proprietário de sua vida, de suas decisões e de sua escrita, mas sim na ambivalência do sujeito e na mobilidade do vivido.

## REFERÊNCIAS

ALBERCA, Manoel, ¿Existe la autoficción hispanoamericana? *Cuadernos del Cilla*, n. 7/8, 2005-2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *Minha ficção daria uma vida*. São Paulo: COM ARTE, 2010.

FACIOLINCE, Héctor Abad. *Traiciones de la memoria*. Colombia: Alfaguara, 2010.

FIGUEIREDO, Eurídice. Dany Laferrière: autobiografia, ficção ou autoficção? *Interface Brasil/Canadá*, Rio Grande, n. 7, p. 55-70, 2007.

\_\_\_\_\_. Autoficção feminina: a mulher nua diante do espelho. *Revista Criação & Crítica*, n. 4, p. 91-102, 2010.

\_\_\_\_\_. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

GASPARINI, Philippe. *Autofiction: une aventure du langage*, Paris: Le Seuil, 2008.

HUBIER, Sébastien. *Littératures intimes: Les expressions du moi, de l'autobiographie à l'autofiction*. Paris: Armand Colin, 2003.

LEÃO, Jacqueline. Migrações do eu: recurso à autoficção em Sergio Kokis. *Aletria*, v. 22, n. 3, p. 177-189, 2012.

LEFERE, Robin. *Entre autoretrato y automitografía*. Madrid: Gredos, 2005.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. Tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

MARTINS, Ana Faedrich. Os perfis da literatura de introspecção: o diário em Virgílio Ferreira e a autoria na autoficção. *Revista Desassossego*, v. 9, p. 125-139, 2013.

\_\_\_\_\_. *Autoficções: do conceito teórico à prática na literatura brasileira*. 2014. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014.

\_\_\_\_\_. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. *Itinerários*, Araraquara, n. 40, p. 45-60, jan./jun. 2015.

MUNGUÍA, Javier: *Traiciones de la memoria –Reseña–*. Blog: Libroadicto. Disponível em: <<http://www.libroadicto.net/2010/09/traiciones-de-la-memoria-hector-abad.html>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

NASCIMENTO, Evandro. Máterias primas: da autobiografia à autoficção – ou vice-versa. In: ABRÃO, Rose. NASCIEF, Mary. LAGE, Verônica Lucy Coutinho (Org.) *Literatura, crítica, cultura* IV: interdisciplinaridade. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010. p.189-207.

ROBIN, Régine. *Le Golem de l'écriture. De l'autofiction au Cybersoi*. Montréal: XYZ, 1997.

SANTIAGO, Silvano. Meditação sobre o ofício de criar. *Aletria*, v. 18, p. 173-179, 2008.

SILVA, Taíssi A.C.; DOMINGOS, Ana C. M. Reflexos do eu: simulação e narcisismo na literatura contemporânea de autoficção. In: *XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 4 a 7 set. 2015, Rio de Janeiro, p. 1-15, 2015.